N.º 89 — LISBOA, 22 DE SETEMBRO

2.º ANNO $034

PARODIA
COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adeantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 1$000 rs
Semestre, 26 numeros..... $500 rs.
Cobrança pelo correio..... $100 rs.
Brazil, anno 52 numeros..... 2$500 rs
Africa e India Portugueza, anno 1$000 rs.
Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 1$800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
82, Rua do Norte 82
IMPRESSÃO
Lythographia Artistica
Rua do Almada, 82 e 84

ABERTURA DO PARLAMENTO

—Os meninos procuram alguem, ou vão para as galerias?
—Não senhor, nós somos deputados.
—Oh! Peço perdão a V.ªs Ex.as

O PATRIOTISMO E O HABITO DAS VIAGENS

Um dos nossos compatriotas actualmente em viagem pelo estrangeiro consigna que é cada vez maior o numero de portuguezes que viajam. Na Suissa — diz elle — ouve-se a cada passo a nossa lingua. E accrescenta que d'estes novos habitos o paiz não tem a tirar senão vantagens.

Nós não somos da mesma opinião. Que os viajantes ganhem em viajar, se instruam e se divirtam, é talvez certo. Que esses beneficios pessoaes se reflictam no paiz é duvidoso.

A patria é feita de solidariedade. Ora, nós sustentamos que as viagens que os nossos novos habitos nos fazem emprehender, são funestas áquelle sentimento. Emquanto não viajamos, a nossa patria é bella, e tudo, ou quasi tudo n'ella nos parece excellente. Depois que viajamos, deixamos de a vêr com os mesmos olhos, em mais de um ponto a encontramos feia e omissa, a cada passo lhe pomos objecções, reparos, reticencias, defeitos.

O sentimento da patria raramente é civico. O facto de ter nascido e vivido na mesma terra não faz o patriota. O que faz o patriota é o orgulho. Ha nações que se orgulham de ter sido. A este numero pertencem por exemplo Portugal e a Grecia. Ha outras que se orgulham de ser. O orgulho da França é a sua supremacia intellectual, o triumpho da sua democracia — e Paris. O orgulho da Allemanha é o seu poder militar. O orgulho da Inglaterra, a expansão do seu imperio e a sua força industrial. Pequenas nações se orgulham de pequenos factos. A Belgica tem o orgulho das suas leis, a Hollanda da sua administração, a Suissa do seu regimen patriarchal — e dos seus queijos.

Mas se um passado illustre ennobrece os povos e se uma alta funcção contemporanea os eleva a seus proprios olhos, o que verdadeiramente os envaidece é a sua civilisação, os seus progressos, os seus adiantamentos materiaes, a sua sociedade e os seus costumes, as suas cidades e os seus monumentos, os seus theatros, os seus hoteis, os seus restaurantes, os seus attractivos, os seus encantos, as suas commodidades.

A França é justamente orgulhosa do seu velho e nunca derrotado prestigio, da maravilhosa chronica dos seus reis e das suas côrtes, da prodigiosa historia das suas revoluções e dos seus paladinos, das suas conquistas, das suas reformas, da sua acção moral, da sua immensa influencia intellectual, da soberania do seu espirito, da graça do seu genio, da superioridade do seu gosto, mas na realidade o que a envaidece não é isto. O que envaidece a França não é a Franca: é Paris, não o Paris da tradicção, da historia e da lenda, mas o Paris dos guias de viajante, catalogado como um museu de curiosidades.

Se perguntarmos a um francez o que é o que o torna mais orgulhoso da sua patria elle dirá talvez que é a tomada da Bastilha, mas não nos illudamos! — O que verdadeiramente o envaidece é o *boulevard* dos Italianos.

A noção de patria funda-se muita vez n'uma bella rua.

N'estes termos reconhecer a inferioridade da patria perante a civilisação e o progresso é diminuir a idéa de patria. Tal o resultado immediato das nossas viagens ao estrangeiro. Nós não viajamos senão para encontrar motivos de acabrunhamento patriotico. A cada civilisação que encontramos, superior á nossa, a cada novo progresso que reconhecemos não possuir, nós sentimos fundir nos nossos corações o sentimento de patria. Viajar é perder illusões. Nós tinhamos a illusão da nossa civilisação. Vamos perdel-a. A nossa sociedade parece-nos mesquinha, os nossos costumes mediocres, os nossos monumentos rachiticos, as nossas mulheres feias, as nossas ruas estreitas, os nossos theatros tristes, os nossos cafés desertos, os nossos passeios solitarios e monotonos. Se alguma vez o nosso orgulho patriotico se fundou em alguma d'essas frivolas razões, elle teve de capitular, humilhado e vencido. Nenhum dos aspectos da nossa civilisação, nenhum dos nossos progressos resistiu aos nossos fulminantes confrontos, e nós encontramo-nos lamentavelmente inferiores no ponto de vista que mais offende o sentimento patriotico dos nossos dias.

Um veneno fatal inocula-se-nos na alma — o veneno da decepção, do desconsolo, da desesperança. A patria apparece-nos mais do que nunca infortunada, mais do que nunca condemnada a uma existencia precaria. Já não inspira orgulho, mas uma vaga piedade.

Os portuguezes que viajam, por via de regra, voltam muito menos portuguezes do que foram. A sua patria é ainda a sua casa, o seu lar, o seu emprego, os seus habitos,—mas não é mais nada.

O que lhes fica afinal da patria se ella não é um logar de prazer e commodidade? A politica não tem interesse. A administração é um horror. Um forte exercito? Nem isso! Uma forte marinha? Muito menos. Que motivos lhes restam para a amar?

Desde logo passam a viver infinitamente distanciados do sentimento patriotico, que é feito da candida illusão da patria em toda a sua extensão moral e material. O seu sentimento, quando não é o do desdem, é o da resignação. Ou acceitam a patria como um mal necessario, ou a recriminam como uma calamidade. Tendo conhecido outras civilisações não vem encontrar na sua senão surprezas desagradaveis, desde as ruas estreitas até aos colchões duros, e a partir de então, se lhes é forçoso viver na patria, o seu unico pensamento é, a cada passo, expatriarem-se. Amealham, economisam para viajar, desertar á patria. Quem lhes apanha um vintem? Reduzem tanto quanto possivel a sua contribuição á economia publica. Bebem copos d'agua reservando-se para, em Paris, se saturarem de *bocks*. Se tem roupa a fazer, guardam-se para a fazer lá fóra, onde é melhor e mais barata do que tudo—na patria. Bocejam no theatro, arrastam-se com tristeza nas ruas e só são felizes quando encontram alguem que tambem tenha viajado e com quem desabafem, matando saudades, maldizendo a patria, deplorando a patria.

E aqui está.—Viajar é terrivel para o sentimento do patriotismo, e o habito de viajar, se por um lado é propicio aos homens, por outro é funesto á collectividade. Os homens engrandecem-se. A patria decahe.

O patriotismo é um sentimento quasi barbaro e tanto mais activo quanto mais cego. Viajar é abrir os olhos. O patriota é aquelle que não vê senão a sua patria, e, para que elle não veja senão essa, é mister não lhe mostrar outra, sobretudo quando ess'outra é melhor, mais bella, mais attrahente, mais convidativa, mais commoda.

João Rimanso.

Imprensa de verão

Os jornaes de verão são verdadeiros almanachs.

Compra-se o jornal para se saber o que se passa e não se passa coisa alguma.—O jornál ensina-nos simplesmente a fazer uma nova *paciencia*.

Um d'estes nossos collegas ensina-nos por exemplo a apertar a mão ás senhoras, e a beijal-a quando as circumstancias o reclamarem, e esclarece:

«O homem já não se inclina profundamente como outr'ora: baixa simplesmente a cabeça, emquanto levanta docemente a mão que se lhe extende, até á altura dos labios.»

Se o homem é por exemplo, o nosso amigo Jayme Arthur da Costa Pinto, levanta docemente a mão que lhe estende—mas levanta tambem o resto.

Elogio aos velocipedes, elevadores... e tal eto.

Eu canto esses inventos sublimados,
Que deu Progresso á patria lusitana
Pera augmentar o rol dos aleijados
Que pedincham á porta da choupana;
Que andam pelas estradas espalhados
Erguendo aos ares a lamuria insana...
E que tão atrevidos se tornaram
Que até chagas postiças inventaram!

Cesse o cair abaixo d'um garrano
Com que quatro costellas se amolgaram,
Não se fale de quem caiu n'um canno
Onde vê que os focinhos se arrombaram;
Porque o moderno invento traça o plano
De aleijar os que a febres escaparam...
Cesse tudo que canta a musa velha
Porque o Progresso aprimorou a têlha!

Bicyclettas e os taes *Elevadores*
A' sciencia de Esculapio vem dar papa,
Pois todos nós estamos sabedores
De não se livrar d'um quem do outro escapa.
É bom se aperfeiçoem os doutores,
Propinantes de senne e de jalapa,
A concertar desmanchos nas costellas
Depois de tão crueis arrombadellas!

Não deixarei os nomes esquecidos
Dos *Electricos*, ditos mata gente,
Que atropelam quem soffre dos ouvidos
Ou não vê de destrôço o monstro ingente:
Cantarei *Automoveis*, permittidos
P'ra mandarem nas ruas, tamsómente...
Machinas que inventou firma sensata
Para fazer tremer quem anda á pata!

Porém que digo aqui em meu discurso
Moldado em alta rima portugueza,
Se não chego a Camões, por ser um urso
Como o finado rei da madureza?! ..
Vou aprender de medicina o curso,
Largo de mão a minha ousada empreza...
E ponho aqui n'esta obra o final ponto
Para não descambar em homem tonto.

Curiosos

Recita de curiosos em Setubal. Critica setubalense remettida para uma folha da manhã:

«A amadora tem habilidade e promette alguma coisa. Precisa ainda dedicar-se e adquirir mais um pouco de coragem para olhar para o publico.»

E' uma coragem que todas as nossas artistas tem. Não fazem mesmo outra coisa.

O publico é que precisa muitas vezes de coragem para olhar para ellas.

Caso para excommunhão

Enjoou do incenso o aroma,
Deixou de almoçar salchichas,
Deitou tres duzias de bichas
O santo Pápa de Roma;
Pensou que andava Mafoma
Pela terra luzitana,
Quando um pançudo sotana
Lhe disse, a fazer caretas,
Que os sineiros lisboetas
Tocam a Rosa Tyranna

Litteratura & Confecções

A Livraria do sr. José Antonio Rodrigues & C.ª annuncia assim:

«A Livraria de José Antonio Rodrigues & C.ª, rua Aurea, 186, 188, acaba de receber um importante sortimento das obras de Kropatkine, Suderman, Ibsen, Darwin, Renam, Ibañez, etc.»

Esta fórma de annunciar livros irmana immediatamente a litteratura com as modas e confecções e bem assim com os seccos e molhados.

Desde o momento que as livrarias annunciam á venda «importantes sortimentos» de Kropatkine, Sudermann, Ibsen, etc., não vemos motivo para que não annunciem egualmente «saldos» de Balzac e Dumas pae e «pechinchas de occasião, por motivo de obras», das obras de Féval e Eugenio Sue. Tudo consiste em considerar a obra litteraria no ponto de vista—mercadoria, que realmente ella é. Seja Bourget, ou seja chapeus de senhora, tudo é negocio. O que falta é que a livraria moderna se adapte inteiramente a este criterio e que os livreiros annunciem por exemplo, em todas as estações, que vão a Paris fornecer-se das novidades da estação. Tão somente receiamos que n'esta nova ordem de idéas, haja de futuro alguns equivocos entre o publico consummidor: que, por exemplo, entremos por engano, no sr. Lopes de Sequeira a pedir romances e no Ferin a pedir espartilhos.

Lisboa e Porto

Os jornaes do Porto queixam-se de que a illuminação publica é apagada a horas inteiramente improprias. Marca a tabella que os candieiros, na primeira quinzena de setembro, sejam apagados ás quatro e meia da manhã, e na segunda quinzena ás 4, 5o. Pois ás quatro horas já os candieiros estão apagados. Quando o tempo está chuvoso—escreve um de aquelles jornaes—é necessario esperar que rompam os primeiros alvores para se poder caminhar sem perigo.

O Porto queixa-se, mas Lisboa está peior, porque em Lisboa succede exactamente aquillo—com os candieiros accesos.

O gaz no Porto, segundo parece, alumia e a prova é que os jornaes pedem que não o apaguem. Em Lisboa alumia tão pouco que poderiam apagal-o sem inconveniente. Ninguem daria por tal.

As memorias de Sarah Bernhardt

Sarah Bernhardt vae publicar as suas *memorias*.

Esperamos que inclua, entre as suas memorias—as suas distracções.

A princeza Luiza —Amor e equitação

Entrevistado em Paris, por um redactor do *Matin*, o conde Mattachich, aquelle que teve o poder de fascinar a princeza Luiza de Coburgo, filha do rei da Belgica, poz a sua vida e a da princeza em pratos limpos, tanto quanto é possivel estarem limpos semilhantes pratos.

Nasci em Tomasewec, na Croacia, em 19 de dezembro de 1867, disse o conde. Fui educado n'um gymnasio e ao cabo do meu serviço militar, decidi abraçar definitivamente a carreira das armas.

Em rigor, tendo sido educado n'um gymnasio, não se comprehende muito bem que o conde tenha abraçado a carreira das armas. O que seria natural seria que abraçasse a carreira gymnastica e fosse hoje, por exemplo—um numero do Colyseu.

Mas se o conde não se dedicou á gymnastica, dedicou-se á equitação e foi pela equitação que se insinuou no animo da princeza. Um dia, no Prater, indo montado no seu cavallo, teve de luctar com o animal que, conta elle, o obrigou a um ardente exercicio. O espectaculo da sua lucta com o cavallo, attrahiu os olhares da princeza, que passava n'uma carruagem e que mandou parar para o vêr.

«No dia seguinte—fala elle—fui outra vez ao Prater, com a mesma montada e, por extranha coincidencia, reproduziu se exactamente a mesma scena: a lucta com o cavallo, a passagem da princeza em carruagem, trabalhos de alta escola, etc.»

A situação do conde no coração da princeza estava definida—como a de um bom calção.

—E quaes são agora os seus projectos? perguntou-lhe o redactor do *Matin*.

—Desejo apenas uma coisa. Que se deixe á princeza a plena liberdade dos seus movimentos.

E' justo e é logico.

E' ainda o voto de um bom equitador.

* * *

Esteve a princeza em Lisboa?

Assim se assegurou.

Na duvida dirigimo-nos ao local que em Lisboa é a fonte de todas as celebridades estrangeiras—ao theatro D. Amelia.

Ali não se sabia nada e não estavam abertas listas de assignatura.

* * *

A proposito da fuga da princeza e da sua viagem mysteriosa, diz um jornal que não ha maneira de averiguar as suas chegadas.

A razão é que a especialidade da princeza não são as chegadas.—São as partidas.

UM CASO DE SENSAÇÃO

Os jornaes annunciam que se passará para o **PARTIDO PROGRESSISTA** com armas e bagagens

A Hespanha, nós e a agua de Carabaña

O sr. Luiz Morote fez tudo quanto pôde para reconciliar a Hespanha comnosco, mas aqui está um dos seus compatriotas que procura novamente indispôl-a.

E' um banhista da Figueira que foi para Madrid desacreditar nos na *Correspondencia de España* declarando tudo caro como fogo n'aquella praia de banhos, incluindo a agua de Carabaña, que ali custa tres tostões emquanto que em Modrid custa dois. Igualmente achou caro o café, a quatro vintens a chavena e o calice de rhum (a que chama *rom* pelo habito que os hespanhoes tem de estropiar todas as palavras, assim como todos os factos) a tostão. Um par de sapatinhos para uma creança de cólo custaram-lhe dez pesetas. Um fato de banho, segundo a sua denuncia á *Correspondencia de España*, custa dez duros. Levaram-lhe dois mil réis por lhe tirar um dente, pediram-lhe tres vintens por um copo d'agua. Finalmente a unica coisa que não achou cara foi o peixe, mas em compensação encontrou lhe um gosto pessimo.

E aqui está para que o sr. Morote se esfalfou a entrevistar os nossos homens illustres e a mostrar Portugal como um paraizo á Hespanha.

Vem este hespanhol obscuro e queixoso e deita-lhe a egrejinha abaixo.

A declaração de que a agua purgativa de Carabaña está pelos olhos da cara na Figueira da Foz, destroe completamente as declarações do sr. Hintze Ribeiro, aliás egualmente purgativas.

Das duas declarações a que fica afinal fazendo effeito é a da agua de Carabana. Assim se prova mais uma vez que o que realmente approxima as nações não são os principios, mas as commodidades.

EP

S. Carlos

O governo resolveu entregar á Companhia do Gaz e Electricidade a illuminação do theatro de S. Carlos.

Ao terem conhecimento d'esta noticia, os assignantes do nosso primeiro theatro combinaram immediatamente munir-se, para a proxima temporada, de um certo numero de candieiros.

Descanço dominical

O sr. Hintze Ribeiro tenciona apresentar ao parlamento um projecto de lei estabelecendo o descanço dominical.

Mais esta agora!

Como se não bastassem os innumeros dias santos e feriados por motivo da outorga da Carta—o descanço obrigatorio, com força de lei!

Annuncios

Uma agencia annuncia na quarta pagina de um dos nossos diarios mais lidos, «casamentos com promptidão —e baratos.»

Com promptidão é possivel.

Baratos—não.

O casamento continúa sendo a superstição mais cara do homem.

* * *

Em outro jornal, egualmente muito lido, annuncia-se um collegio de meninas «muito em conta e bem mobilado.»

E' o typo do collegio de meninas, independentes e com porta para a escada.

Ha de ter freguezes.

Chapeus e principios

O club dos estudos physicos de Leeds acaba de emprehender uma energica campanha contra o uso dos chapeus, desde o chapeu alto até ao *bonnet* de viagem.

N'uma reunião recente, um engenheiro, membro da commissão de hygiene, declarou-se contrario «á absurda moda que pretende proteger a cabeça por meio de multiformes coberturas, quando é certo que o uso dos chapeus de toda a especie é, no dizer do referido engenheiro, a causa real da calvicie, das molestias pelliculares e da mudança da côr dos cabellos.»

Se o chapeu tem influencia na côr dos cabellos não o sabemos.

Na côr das idéas, tem.

O chapeu alto por exemplo, é conservador.

O coco é republicano.

O chapeu molle—socialista.

A boina, em Hespanha, é carlista, quando não é cantonalista ou *fueris ta*.

O homem, ao mesmo tempo, conhece-se pelo chapeu.

Chapeu para a frente — conservadores.

Chapeu levemente inclinado—liberaes.

Chapeu todo á banda—extrema esquerda.

Chapeu para a nuca—radiscalismo, principios avançados.

O chapeu enterrado até ás orelhas é proprio dos autoritarios.

Na reunião a que nos referimos, um dos oradores perguntou para que serve o chapeu.

Ora essa! Serve para o tirar! Nunca provou que servisse para outra coisa... E serve tambem para nos sentarmos em um d'elles, quando alguem por esquecimento os deixou sobre uma cadeira.

GUITARRA DA PARODIA

MOTE

A maior das descobertas
Fel-a o nosso pae Noé,
Foi tambem um grande sabio
Quem descobriu o café.

GLOSA

O homem vivia no mundo
Mazombo, por condição,
E já fôra o pae Adão
Macambuzio sem segundo.
Mas, findo um sonho profundo,
Noé, *firma* das espertas,
Com as palpebras abertas,
E matutando altos planos,
Fez, para os bichos humanos,
A maior das descobertas.

N'uma manhã das mais frias,
Espremendo um cacho são,
Encontrou do pé p'ra a mão
A fonte das alegrias.
Desde aquelle rei dos dias
Passou a tristeza o pé;
Começou a haver banzé,
Triumphou logo a tachada;
E, se inda hoje ha gargalhada,
Fel-a o nosso pae Noé.

Como o vinho á tramontana,
Como hoje sobe, subiu,
Logo um qualquer descobriu
Correctivo á carraspana.
Veio o café; e com gana
Regalou humano labio;
E diz um velho alfarrabio
Que o que a droga nos mostrou,
Se a ser Noé não chegou,
Foi tambem um grade sabio,

Seja ao sol ou seja á lua,
Beba-se e beba-se bem,
Sempre á saude de quem
Mandou maguas á tabúa.
Quem entortar a faiúa
Por ficar muito *taré*,
Se puder suster-se em pé,
Vá, encostado á parede,
Saudar, mitigando a sêde,
Quem descobriu o café.

Quem n'este caso não erra
E bom papel desempenha,
Do *Manoel de Salvaterra*.
Vae ter ao *Cafe Montanha*.

VENANCIO.

Pae e Filho

Um jornal allemão reproduz um telegramma que o principe imperial mandou a um amigo que tem em Hamburgo, agradecendo lhe as felicitações pelo seu proximo casamento.

O telegramma diz assim:

«Mil agradecimentos. Não sei expressar-te a satisfação de que estou possuido ao pensar que essa rapariga encantadora e distincta vae ser minha mulher.

GUILHERME— Principe Imperial.»

Não póde negar que é filho de Guilherme II.

E' a mesma loquella e é o mesmo abuso das vias telegraphicas.

Joven Lylia formosa e abandonada
Andava a passeiar no seu jardim,
E derramava lagrimas sem fim,
Pois perdêra a pulseira tão gabada!

E a uma rosa escarlate, inda orvalhada,
Joven Lylia gentil dizia assim:
Meu Deus! meu Deus! o que será de mim
Sem a joia do primo, prenda amada!...

E vae n'isto apparece a creadinha,
Toma parte leal n'esta afflicção
E deixa o seu trabalho na cosinha.

Protesta pôr no prego o seu cordão,
Sáe de foguete, rapida caminha,
Vae comprar outra egual no *Mergulhão*.

Ourivesaria e relojoaria Mergulhão
162, R. de S. Paulo, 162-B

COLLECÇÃO HORAS DE LEITURA
Publicação mensal em volumes formato 8.º (alguns illustrados) de romances dos melhores auctores, a 200 réis o volume
Publicação economica, interessante e esmerada
OBRAS PUBLICADAS

IVANHOÉ, celebre romance de Walter Scott, 4 volumes illustrados.
O FRADE NEGRO, romance de Clemence Robert, 1 volume.
AS SEMI-VIRGENS, romance de Marcel Prévost, 2 volumes illustrados (esgotado).
WERTHER, romance de amor, de Goethe, 1 volume illustrado.
MADAME FLIRT, romance de Jacques Yvel, extrahido da peça com o mesmo titulo.
A TABERNA (L'Assomoir), celebre romance de Emile Zola, 3 volumes.
O VIGARIO DE WAKEFIELD, de Golsdmith, 1 volume.
A VIDA AOS VINTE ANNOS, de Alexandre Dumas (filho).
AGUA PROFUNDA, de Paul Bourget.
O DOMINO AMARELLO, de Marcel Prévost.
CORTEZÃ, romance, por A. Belot.
O ROSQUEDO, romance de costumes do Minho, por Delphim Guimarães.

A sair em Outubro:
OS VAGABUNDOS, de M. Gorki.
Em publicação:
O PARAIZO DAS DAMAS, de Zola.

LIVRARIA EDITORA
GUIMARAES & C.ª
108, Rua de S. Roque, 108
LISBOA

Um ex-incredulo

Ex.mo Sr. Dias Amado

Convencido como estou dos maravilhosos resultados obtidos pelo seu depurativo, permitta me que faça publico — não offendendo a sua modestia — do quanto lhe devo e a satisfação que tenho em que o publico mais uma vez se convença que só o seu depurativo é efficasissimo e de resultados seguros. Ha muito tempo que eu soffria atrozmente de syphilis, chegando a não poder comer pela forma horrorosa como tinha a garganta toda em chaga.

Além d'isso, pela cara, pescoço, e todo corpo era tudo em ferida, não me deixando conciliar o somno nem fazer pequenos

Continúa.

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL
Gaston Piel
Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

BANHOS
DAS afamadas aguas do Poço do Borratem, conhecidas desde 1522 com grande exito nas molestias de pelle e outras enfermidades. Fazem-se assignaturas de 10 banhos simples ou douches com 20 °/₀ de desconto de vapor com 10 °/₀. Abre este antigo estabelecimento ás 5 horas da manhã e fecha ás 6 da tarde.
4, Poço de Borratem, 1.º

Peço a V. Ex.ª a fineza de não comprar chapeus sem primeiro visitar este estabelecimento

RESTAURANT PARIS
JOSÉ FERNANDES
SERVEM-SE: Jantares de mesa redonda a 600 réis
Serviço de lista a toda a hora
Pratos especiaes para ceias
Gabinetes de 1.ª ordem
65, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 67
2 e 4, Travessa da Cara, 2 e 4— LISBOA

Callista pedicuro
JERONYMO FERNANDES
Empregado da casa Ornellas
R. SERPA PINTO, 48, 1.º
(Frente para o Chiado)
EXTRACÇÃO de callos e desencravamento de unhas pelos mais moderno processos até hoje conhecidos.
Pede-se ao publico que visite este consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.
Das 9 as 5 da tarde

FATOS em Paletot de 4$500 a 25$000
FATOS em Frak de 12$000 a 32$000
FATOS em Sobrecasaca de 16$500 a 35$000
FATOS em Casaca de 20$000 a 36$000
na **Casa das thesouras**
51 — Rua da Escola Polytechnica — 55
JOSÉ CLEMENTE

ORTHOPÉDIA
CASA ESPECIAL DE FUNDAS e apparelhos orthopedicos
DE **MANUEL MARTINS**
FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.
154, Rua da Magdalena, 154-A
(ANTIGA **Calçada do Caldas**
Proximo ao Largo de Santa Justa)—**Lisboa**

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO AO PUBLICO

Desde 1 de setembro de 1904 será posta em vigor a nova tarifa especial interna n.º 9 de grande velocidade —Bilhetes collectivos para grupos de 12 ou mais passageiros de 3.ª classe, em todas as linhas d'esta Companhia com excepção do Ramal de Cascaes.

Nas estações d'esta companhia póde o publico consultar e obter por compra a referida tarifa

Lisboa, 19 de agosto de 1904.

SERVIÇO DOS ARMAZENS—*Fornecimento de madeiras diversas.*

No dia 26 de setembro, pela 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a commissão executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de madeiras diversas.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central dos armazens (edificio da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

Lisboa, 16 de agosto de 1940.

Pelo director geral da Companhia, o engenheiro subdirector—Augusto Luciano de Carvalho.

ABERTURA DOS THEATROS

Aspecto dos espectaculos em virtude das determinações do sr. Governador Civil.